

Meiga Escola:

Roberto Vicençotto Ribas

(Texto publicado no livro *Centenário da Escola Normal – Memórias da EECA, 2011*)

Ingressei no *Grupo Escolar da Escola Normal de Botucatu* em 1958. A um nascido em setembro de 1950, não era permitido, naquela época, ingressar no ano em que se completava os sete. Tive de esperar o próximo. Me lembro bem desse primeiro ano de escola. Morávamos ainda com *vó Rosa*, *vô Chico* e *tio Léó*, na casa da *Rua Curuzu*, enquanto meus pais construía a deles, na *Capitão José Paes de Almeida*. Meu primeiro estojo para os lápis de escrever e os de cores, era uma caixa de madeira, antes embalagem de bananas passas, muito bonita e com logotipo do fabricante queimado a fogo na tampa. Mas o tal cheiro das bananas, que antes a ocuparam, não teve meio de sair. No primeiro dia, meu pai ou minha mãe me acompanharam. Talvez ainda por mais alguns, para que aprendesse o caminho de ida e o de volta. Depois, acho que era por minha conta. Minha primeira professora foi a *Dona Laíre Cavallini*, muito simpática e amável. Naquela época, não chamávamos as primeiras professoras de *Tia*, mas de *Dona*. No segundo ano foi *Dona Olga*, uma senhora já mais velha e bem brava! Da do terceiro já não me recordo, mas a do quarto foi de novo *Dona Laíre* (depois, já adolescente, fiquei amigo do *Consorti*, filho dela e me lembro que era emocionante ir a sua casa e reencontrar *Dona Laíre*). *Caminho Suave!* – esse era o livro de alfabetização (cartilha, se dizia) que usávamos: A – de abelha. O bê, acho que era de bola, o cê de cebola. Era emocionante, cada letra e suas sílabas que aprendíamos dia a dia. Hoje já não se usa mais esse livro, nem me lembro qual minhas filhas usaram quando de seus primeiros anos de escola (vejo agora no *Wikipédia* que *Caminho Suave* teve sua primeira edição em 1948 e foi usado até meados da década de 1990, tendo vendido cerca de 40 milhões de exemplares). Mas funcionava e eu gostava muito do *Caminho Suave*. Acho que sempre me adiantava para a próxima letra. Quinto ano foi *Dona Cira*. Naquela época tinha ainda o quinto ano, mas era opcional. Graduava-se do primário no quarto ano e depois estávamos habilitados para o ginásio. Minha mãe provavelmente me queria continuando no IECA, lá tinha uma boa concorrência (e um vestibular!) e então me matriculou no quinto ano da mesma escola, espécie de preparativo para o exame de ingresso. Talvez isso não bastasse, pensava ela e muitas outras mães que nos obrigavam a frequentar o *Externato de Dona Cira* (e de *Dona Céinha*, já não me lembro bem seu nome). *Dona Cira* e *Dona Céinha* tinham esse cursinho preparatório na garagem da casa de *Dona Cira*. Íamos lá de tarde, tendo as aulas regulares pela manhã. *Dona Cira* e *Dona Céinha* não eram as únicas na cidade a ter esse cursinho preparatório (externato era como se dizia na época, se não me recordo mal). Aí chegou o dia dos exames. Me recordo muito bem do dia em que fui ver minhas notas, descendo as escadarias do IECA, feliz com um nove em geografia. Não sei bem porque, mas é a única nota da qual me recordo. Muito provavelmente deve ter sido a mais alta. Fui aprovado! Entrei para o curso ginasial em 1963. Acho que foi o ano em que foi adotado o novo uniforme, para nós “homens”: calça e paletó de um pano mais mole, acho que era o linho crú. Antes era o de brim cáqui. Usávamos ainda, como parte do uniforme, botinas ou sapatos (será que permitiam sapatos, ou a botina era obrigatória?) pretos. E então tinha um servente, o *Bento Alvarenga* (que já era servente da escola na época que meu pai estudou lá), que controlava, na subida dos alunos pelas escadarias internas, se as ditas botinas estavam bem engraxadas. Se não, anotava nossos nomes em sua famosa caderneta e aí daquele que não as portasse bem lustrosas no próximo dia. Tinha dois outros serventes, um bem alto e muito simpático, e um outro que nos controlava nos banheiros e a quem a gurizada gostava de infernizar. Já não me recordo de seus nomes, mas sempre fui de respeitar esses funcionários que têm essas atribuições incômodas de controlar as pessoas.

Depois, o científico. Aí já éramos “grandes”, o uniforme passando para uma calça azul e um agasalho com o “brasilha” (personagem de história em quadrinhos) nas costas, provavelmente uma escolha do *Grêmio Estudantil* da escola. Então eu já tocava algum violão e formamos uma banda de rock (um conjunto, como se dizia). Eu, *Zebão* (*Nogueira Pinto*), *Lam* (*Aliberti*) e *Mário Cervi*.

Renato Richini acho que também chegou a ser membro oficial. Eramos muito amadores, mas tivemos nossos grande momentos. Depois, pelo *Zebão*, conheci seu irmão *Alcides* e seu grupo de teatro que começava. Eu, *Zebão* e *Mário Cervi* entramos para o grupo, fazendo iluminação, sonoplastia e efeitos especiais. Fizemos grandes espetáculos (*Sumé Sumei*, *O Caldeirão*, *Partida Para o Centro do Peito* – ganhamos vários prêmios nos *Festivais de Teatro Amador do Estado de São Paulo*).

Esses foram grandes, formadores e agradáveis anos de minha vida. Eu achava que iria cursar Engenharia Eletrônica, até a metade do último ano do científico. Então, num intervalo de aulas, conversando com meu colega *Nilson Villas Boas* lhe pergunto o que ele iria fazer depois. Ele me diz que iria fazer o curso de Física. - Física, pergunto eu (numa época em que as opções eram, em geral, Direito, Engenharia ou Medicina) – dar aulas no científico? - Não, disse ele. Você pode fazer pesquisa, Física Nuclear, Astronomia coisas muito interessantes. Percebi que era isso que eu realmente queria. (Muito depois, reencontrando o *Nilson*, soube que ele foi para as artes, o cinema e não para a física como então me disse). No final do ano, o *Ivo Nicoletti*, também meu colega de classe, me convidou para fazermos um cursinho intensivo, patrocinado pelo *Grêmio da Poli* (USP) e fomos pra *Sampa*. Oito horas de aula por dia, durante cerca de um mês, nos prédios da velha *Escola Politécnica*, próximos à *Estação da Luz*. Fiz o vestibular *Mapofei*, ainda colocando engenharia como opção. Acabei entrando no curso de bacharelado em Física na USP, em 1970. Lá fiz a graduação, o mestrado e o doutorado. Sou uma pessoa que em toda minha vida, frequentei somente duas escolas. No *Instituto de Física* da USP já estou também, além desses anos de formação, há mais de trinta anos, como Professor.